

Bernard Miodownik*

Nem distopia, nem utopia: O que vem adiante?

Na história recente, a humanidade vislumbrou, em horizontes próximos e longínquos, diversas ameaças de extinção em massa. A hecatombe nuclear, a escassez de recursos hídricos e alimentares, a produção de armas químicas e biológicas, armas convencionais exponencialmente mortíferas, e o aquecimento global. Cenários até agora imagináveis nas distopias que acompanhamos na literatura e no cinema.

Seria a Covid-19 o horizonte? Um horizonte de eventos, o buraco negro que tudo captura e que faz o mundo – tal como se conhece – quase parar? Um cenário inédito, inimaginável, porque percebido e sentido no aqui e agora. Um cenário real.

Impressiona o movimento solidário que surgiu no mundo no qual sobram guerras e lutas fratricidas. O trabalho dos profissionais de saúde e de outras atividades essenciais, atos espontâneos de doações financeiras e de prestação de serviços aos mais necessitados, ofertas voluntárias de escuta e apoio, e as incontáveis pesquisas científicas para entender os mecanismos do vírus, atenuar seus efeitos e encontrar uma vacina preventiva. Diante disso, muitos alardeiam que o mundo será outro após a Covid-19, que os laços fraternos e amorosos predominarão. Não voltaremos ao normal porque o dito normal era anormal, com as inqualificáveis e vergonhosas desigualdades – “uns com tanto, outros tantos com algum, mas a maioria sem nenhum.” (Duarte e Medeiros, 1968) – as quais, finalmente, diminuirão. Vozes que anunciam o limiar de uma nova ordem mundial. Utopia?

O Freud do *Mal-estar na cultura* (1930 [1929]/2010) não seria tão otimista. O mesmo Freud, no entanto, havia mostrado em *Totem e tabu* (1913 [1912]/2013) que mudanças vão acontecendo nos grupos humanos, ainda que aspectos mais primitivos originários da pré-história continuem presentes. Freud também acreditava, dentro de uma fé racionalista e iluminista, que a ciência seria capaz de promover transformações mais *maduras*. Por exemplo, as discussões atuais sobre ética, justiça e democracia têm um lugar privilegiado, revelando um interesse no aperfeiçoamento do que é humano na relação de cada sujeito com os outros. Certamente, há um temor de que as consequências advindas da Covid-19 modifiquem

* Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

esse panorama a partir de cenários recessivos e depressivos (socioeconômicos e mentais). Por outro lado, é lícito pensar e desejar que uma crise extrema, como a que estamos atravessando, leve a novas e melhores formas de relacionamento entre humanos.

Comparativamente, o período similar foi a pandemia da gripe espanhola há cem anos – a da Síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS, por suas siglas em inglês), mais próxima no tempo, tem características diversas. Talvez a proximidade da Primeira Guerra Mundial tenha influído, mas ficou-me a impressão de algo dissociado de reflexões posteriores. Um bom indicador da presença do fator traumático, e da sua necessária elaboração, é como um fenômeno repercutiu nas artes em geral, o que não ocorreu com a gripe espanhola, apesar da imensa tragédia. Como se epidemias reais gerassem traumas tão profundos que permanecem silenciados e cindidos na mente individual e coletiva até que os vírus retornem da natureza para invadir novamente os corpos.

Haveria hoje melhores condições tecnológicas, informativas, democráticas e emocionais para um enfrentamento da situação traumática e sua elaboração? O que, diante de angústias tão intensas, mantém a expectativa esperançosa?

O primeiro filme que vi sobre epidemias foi *O enigma de Andrômeda* (Wise, 1971), baseado no livro homônimo de Michael Crichton (1969/1998). Pesquisadores e médicos chegam à cidade onde caiu um meteorito com carga indesejada: um micro-organismo desconhecido que matou todos os moradores, exceto um bebê que chora e um idoso alcoólatra que estava apartado da comunidade. Na idiosincrasia biológica deles os pesquisadores descobrem a cura da epidemia.

Mitos recorrentes surgem nos momentos de intenso desamparo e são encontrados na origem de religiões (Armstrong, 2008) e de obras literárias (Vogler, 1997). O bebê resgatado da morte certa que traz a salvação como Moisés e Jesus Cristo.

Os despossuídos que encarnam novos valores como o nômade Abraão ou o carpinteiro José e sua família; ou os que abrem mão dos privilégios materiais e abraçam uma nova causa como o príncipe egípcio Moisés ou o príncipe Sidarta que se transfigura no Buda. As expectativas também se fundam no narcisismo que inspira os ideais do ego. Será demais fantasiar que, após a pandemia, os narcisismos das pequenas diferenças possam confluir para uma mentalidade grupal suficientemente satisfatória e criar algo novo?

Um ano antes de falecer, o ator italiano Vittorio Gassman foi entrevistado no programa de televisão (*Conexão Roberto D'Ávila*). Falou da sua paixão pelo teatro apesar da fama como ator de cinema, e terminou a entrevista sorridente com a consciência da própria finitude dizendo que a vida deveria ser como no teatro, uma o ensaio geral e a seguinte para valer. Seria possível – como ele, bem-humorado, propôs – aprender em uma vida para não repetir os erros, os arrependimentos e os atos inconfessáveis na seguinte? Uma reflexão importante para esses tempos em que a sensação de fim do mundo é presente.

O cenário futuro é incerto. É difícil saber se haverá maior abertura ou fechamento nas relações humanas, e um ambiente socioeconômico mais igualitário ou pior.

Psicanalistas sabem da compulsão à repetição. Sabem da resistência às mudanças. Sabem de certas estruturas psíquicas pouco flexíveis com as quais os sujeitos

têm que conviver. Sabem também das pequenas transformações que são conquistadas ao longo de cada história pessoal. Vivências individuais que podem ser transpostas para questões socioculturais.

Não há ensaio geral. Quando a peça de teatro entra em cartaz, cada encenação é emocionalmente diversa. Pode ser a melhor entonação de uma fala, o aperfeiçoar de uma expressão facial ou o contato mais vibrante com a plateia. Cada dia é a vida. Seja interpretando Shakespeare, Ibsen, Pirandello, Brecht, Arthur Miller ou Nelson Rodrigues.

O mundo pós-pandemia vivenciará mudanças profundas ou somente nos detalhes que farão, ou não, a diferença. O que vier terá que ser enfrentado. Que haja espaço nos cenários internos individuais, e nos do grande mundo, para as pequenas transformações cotidianas. Como ocorre com o desenvolvimento de um bebê.

Referências

- Armstrong, K. (2008). *A grande transformação: O mundo na época de Buda, Confúcio e Jeremias*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Crichton, M. (1998). *O enigma de Andrômeda*. Rio de Janeiro: Rocco. (Trabalho original publicado em 1969).
- Duarte, M. e Medeiros, E. (1968). Maioria sem nenhum. Em P. Da Viola e E. Medeiros, *Samba na madrugada* [LP]. São Paulo: Fermata do Brasil.
- Freud, S. (2010). O mal-estar na cultura. Em R. Zwick (trad.), *O mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM Pocket. (Trabalho original publicado em 1930 [1929]).
- Freud, S. (2013). Totem e tabu. Em R. Zwick (trad.), *Totem e tabu*. Porto Alegre: L&PM. (Trabalho original publicado em 1913 [1912]).
- Vogler, C. (1997). *A jornada do escritor*. Rio de Janeiro: Ampersand.
- Wise, R. (produtor e diretor) (1971). *O enigma de Andrômeda* [produção cinematográfica]. Estados Unidos da América: Universal Pictures.

Olga Varela Tello*

Transitar o caminho analítico em meio à quarentena

Na minha vida pessoal e profissional, é a primeira vez que enfrento uma epidemia assim, nunca havia vivido uma situação dessa magnitude.

O coronavírus, quase de um dia para o outro, interrompeu e desorganizou a cena habitual do mundo, surgiu nas nossas vidas e nos nossos consultórios: a partir de então, foi necessária a permanência contínua dentro de casa, assim como o isolamento. Evitar, mais do que tudo, o encontro dos corpos era, é e vem sendo, a melhor prevenção.

Minha primeira reação foi me refugiar no pensamento renegador de que com certeza se tratava de um exagero e de que logo isso passaria – que errada estava! –, e chegou o momento, como dizia Sigmund Freud (1912/2006), em que a realidade se impõe (p. 141), e tive que enfrentar o que estava acontecendo.

O primeiro a fazer era comunicar aos pacientes que continuaríamos, a partir daqui, trabalhando virtualmente, para evitar contágios. Sem saber por quê, propus isso com medo. Medo de quê? Não sabia, a situação era para mim totalmente estranha e percebi que não eram eles, senão eu, quem resistia a deixar o consultório. Como dizia Nasio (1966), era a resistência do analista (p. 27), não dos pacientes. Fiz todo o possível para evitar isso, até não haver outra saída, e mudei meu modo de trabalhar, e passamos ao virtual.

A psicanálise nos ensinou a trabalhar com os conflitos, e era isso o que teria que fazer. Decidimos que, na Asociación Psicoanalítica de Guadalajara (APG), deveríamos nos unir, candidatos e analistas, para tentar conter a angústia provocada pelo desconhecimento e pela incerteza, e compartilhar experiências de tudo o que de estranho estávamos vivendo. Foi por meio da narrativa e de uma reunião pela internet em que nos vimos e pudemos dividir o que estávamos sentindo e pensando; e foi por meio desse compartilhamento do que era novo – mesmo que não presencialmente, sem a presença corporal, apenas pela imagem – que nos sentimos novamente parte de um *grupo*, que sentimos que, mesmo separados, todos estávamos ocupados com

* Asociación Psicoanalítica de Guadalajara.